

ANDRADE FURTADO

(O ilustre acadêmico declamou o soneto que o conde Carlos de Laet, então presidente da Academia Brasileira de Letras, recitou no túmulo de Machado de Assiz, a 29 de Setembro de 1921, aniversário da morte do grande escritor, quando, incorporados, os Imortais ali foram levar-lhe flores de lembrança e saudade. Depois, declamou ainda "Os Semeadores", de Machado, pg. 260-1 das "Poesias Completas".)

A MACHADO DE ASSIZ

Quando um anjo de espada rutilante
Deus pôs no limiar do Paraíso,
Teve entre as justas iras doce aviso
Para o triste casal, proscrito, errante.

— Voltareis — disse — e todo par constante
Num amor impoluto, casto e liso...
E gasalhou, com paternal sorriso,
Laura e Petrarca, Beatriz e Dante.

Com «pensamentos idos e vividos»,
Terminada a labuta peregrina,
Surgem mais dois, mãos dadas, sempre unidos.

Batem à porta da mansão divina:
— Somos nós! somos nós os foragidos!
Sou Machado de Assiz. É Carolina.

OS SEMEADORES

(SECULO XVI)

Eis ahi saiu o que semêa a semear.

Math. XIII, 3.

Vós os que hoje colheis, por esses campos largos,
O doce fructo e a flor,
Acaso esqueceréis os asperos e amargos
Tempos do sementeador?

Rude era o chão; agreste e longo aquelle dia;
Comtudo, esses heroes
Souberam resistir na afanosa porfia
Aos temporaes e aos soes.

Poucos; mas a vontade os poucos multiplica,
E a fé, e as orações
Fizeram transformar a terra pobre em rica
E os centos em milhões.

Nem somente o labor, mas o perigo, a fome,
O frio, a descalcez,
O morrer cada dia uma morte sem nome,
O morrel-a, talvez,

Entre barbaras mãos, como se fora crime,
Como se fora reu
Quem lhe ensinára aquella (*) acção pura e sublime
De os levantar ao ceu!

—Ó Paulos do sertão! Que dia e que batalha!
Vencestel-a, e podeis

Entre as dobras dormir da secular mortalha: (**)
Vivereis, vivereis! (***)

(*) No original, está *aquelle*, positivo erro tipográfico.

(**) No original, a pontuação está visivelmente quebrada.

(***) Assim não está no original, mas — *vivereis, vivi-*
reis!—.